



## CORPO DE DELITO

# As mulheres de Henrique VIII

O medo, um sentimento quente, mas que gela quem o hospeda, um sentimento que uiva, mas que impõe silêncio onde habita



Rui Patrício

O medo. O medo é, talvez, o mais poderoso dos sentimentos humanos. Um sentimento quente, mas que gela quem o hospeda, um sentimento que uiva, mas que impõe silêncio onde habita. Os outros animais também terão medo, mas suponho que seja um medo diferente, que apenas tem presente; o medo humano carrega passado e futuro, os homens têm memória e têm consciência da dor, do fim, da ausência, do nada. O medo instintivo é forte, mas suporta-se; já o medo pensado, recordado, antecipado é um medo insuportável. Grande parte da vida humana é uma luta contra o medo, para o vencer, para o disfarçar, para o sublimar, para o esconder, para o esconjurar. E é o medo que explica Henrique VIII e as suas mulheres.

O rei Tudor não era forte, nem ver-

dadeiramente cruel, nem realmente ambicioso de poder, nem especialmente lúbrico. É errada a ideia de que o rei mudou várias vezes de mulher – com um estendal de sofrimento, sangue, intriga e bajulação – por razões de desejo. No século XVI, um homem, e especialmente um rei, não precisava de mudar de esposa para satisfazer os apetites que tivesse. Além disso, o trabalho que dava a um rei mudar de esposa não consentia que os desmandos da carne fossem o motor de casamentos e separações. É verdade que Anne Boleyn despertou apetites em Henrique e o mesmo sucedeu com Jane Seymour e com outras. Mas não foi por isso que o rei abandonou Catarina, nem foi por isso que Anne perdeu as graças de rainha e acabou decapitada. E muito menos foi a libido que levou Henrique a romper com Roma e a fundar uma Igreja. O rei Tudor tinha medo, medo de muitas coisas, mas principalmente de não deixar um herdeiro, alguém que o continuasse e que continuasse os Tudor e o poder que o seu pai conquistara nos despojos da Guerra das Rosas. E temia, também, que a falha fosse sua, e não delas. A sua busca de esposas, até certa altura, é sobretudo a procura de um

herdeiro. Ironicamente, Jane Seymour deu-lhe um, mas morreu ao dar-lho; o herdeiro reinou pouco, e foi uma mulher, Elizabeth, a filha que tivera com Anne Boleyn, que o continuou, sendo maior (e muito menos medrosa) do que o pai.

E por tudo isto, Henrique fundou uma Igreja, mas fez-lo também por outra espécie de medo, um medo menos visceral do que o da finitude sem descendência varonil, mas não menos poderoso: por um lado, o medo do julgamento dos outros, o medo do julgamento de Roma, que levou Henrique à ilusão de que é mais fácil sermos o nosso próprio juiz; por outro lado, o medo de não saber governar com suficientes prudência e economia, precisando do dinheiro e dos bens da Igreja Católica em Inglaterra para alimentar o Tesouro e esconder as suas fraquezas. E também o medo de estar sozinho e de decidir sozinho, o medo que o levou a ser manipulado pelos Boleyn e, depois, pelos Seymour, e sempre – quase sempre – por Thomas Cromwell. O rei Tudor, apesar da sua estatura física, era fraco, e são quase sempre os mais fracos aqueles que fazem o maior mal. Por medo, sobretudo.

*Advogado.*

*Escreve ao sábado*



É o medo que explica Henrique VIII e as suas mulheres